

Visuais Inaugurações:

Em busca da nova paisagem

A pintora Cristina Canale volta ao passado para criar mundo harmônico

Antonio Gonçalves Filho

A proposta não é reeditar a primeira das manifestações de vanguarda do século passado, isto é, o fauvismo, que surgiu exatamente há cem anos, no Salão de Outono de Paris, revelando ao mundo pintores como Matisse, Derain e Vlaminck. Por outro lado, é difícil não pensar neles ao ver as mais recentes pinturas da carioca Cristina Canale, um dos expoentes da chamada Geração 80, hoje morando na Alemanha. Como Matisse, o que ela busca também é a expressão, uma arte de equilíbrio desprovida de temas perturbadores. Uma pintura, enfim, para ser contemplada e que ofereça, se possível, um espaço de repouso para olhos cansados de tantas instalações conceituais.

Emancipada da paisagem brasileira, que ajudou a fixar desde que participou, em 1984, da histórica exposição do Parque Lage (*Como Vai Você, Geração 80?*), Cristina Canale aponta outro caminho cromático em *Arredores*, sua individual na Galeria Nara Roesler. Compreensível. Há 12 anos morando em Berlim e casada com o pintor alemão Rolf Behm, a pintora integrou-se à paisagem da terra natal do marido sem abjurar a paleta tropical. Foram, afinal, as cores vibrantes que a destacaram no cenário brasileiro, em plena ebulição da transvanguarda italiana e dos “novos selvagens” alemães (anos 80 do século passado).

Se, antes, essas paisagens recusavam a ordem arquitetônica,

ca, hoje elas incorporam o desenho como elemento constitutivo da pintura, estabelecendo uma ponte entre a abordagem voluptuosa dos fauves e o grafismo seco dos expressionistas dos anos 10 e 20 do século passado, agora revisitados por seus contemporâneos alemães. Não é por nostalgia que Cristina cruza essa ponte, garante. “Na verdade, não me identifico muito com Nolde.” Até para ela, que já usou mais cores que todos os expressionistas juntos, as questões pictóricas de Emil Nolde (1867-1856) parecem superadas. As cores marcantes do alemão tinham como meta representar a experiência espiritual e religiosa do artista. A pintora tem mais afinidade com o trabalho do norueguês Munch (1863-1944), um simbolista cujas telas estão impregnadas de melancolia existencialista. É possível identificar nos cabelos dos personagens anônimos da brasileira traços dessa clara metamorfose munchiana, em que figura e fundo se fundem.

No caso de Cristina Canale, essa metamorfose recusa, porém, a morbidez de Munch. Ela persegue o aspecto lúdico da paisagem e, embora sem rostos, os personagens de suas telas estão estreitamente ligados ao universo familiar e doméstico da pintora – a tela *Eu e o Coelho* (2004) retrata sua filha de 6 anos e *Casal* (2004) recupera uma antiga foto de seus pais. A artista esclarece que não usa a fotografia no registro do contemporâneo Gerhard Richer, empenhado em investigar o processo de construção



EQUILIBRIO - Depois das vibrantes cores tropicais, Cristina incorporou a ordem arquitetônica alemã

CONTRAPONTO

A canadense Susan Turcot, nascida em Montreal há 39 anos, acompanha há duas décadas a devastação no planeta. Parece desanimada com o que viu nas florestas de Quebec. Agora, em Berlim, onde mora, vê pouca esperança para os filhos dos imigrantes, cujo passatempo é atirar discos de vinil na água ou contemplar a sujeira dos rios. Fruto de um intercâmbio com a



DEVASTAÇÃO - Obra de Susan Turcot

galeria Arndt & Partner, de Berlim, sua exposição na Galeria Roesler exhibe desenhos sobre o desmatamento. Susan entrou clandestinamente numa área sob proteção governamental no Canadá e registrou a destruição. Seu trabalho lembra muito o do sul-africano William Kentridge. Ela agradece, mas diz que não é uma afinidade eletiva. “Nunca fomos apresentados.”

da imagem por meio dessa linguagem. “Para mim, a fotografia é apenas um pretexto para a pintura, como os esboços que desenho nas viagens de trem pela Alemanha.”

Esses esboços viraram telas de grandes dimensões em óleo, bastão de óleo e um mínimo de tinta acrílica (rastros dos grafismos complementares). Se as personagens do simbolista Munch aparecem transfiguradas como manchas fantasmagóricas um século depois, isso se deve à tentativa de criar uma paisagem visionária que supere todas as mitologias. Essa pintura afirma a crença inquestionável na vocação construtiva da arquitetura. Não sem razão, quase todas as paisagens incorporam a forma de uma grande casa, que substituiu a figura do sofá na iconografia de Cristina Canale. “A figura da casa foi surgindo timidamente há cinco anos, mas antes dela veio o telhado”, conta.

Curiosamente, na mesma galeria, uma outra artista, a canadense Susan Turcot, de Montreal, apresenta uma paisagem em desconstrução, dentro do projeto de intercâmbio cultural Roesler Hotel, espaço da galeria coordenado por Daniel Roesler Castro e Silva (*leia texto nesta página*). São duas séries de desenho que adotam como tema o desmatamento. As diferenças entre as duas artistas – a da brasileira e da canadense – não resultam apenas de uma abordagem política. Enquanto Cristina tenta criar um espaço “habitável” para os olhos, compartilhando a atitude fauvista de Matisse, a canadense Susan, pessimista, não não crê nessa possibilidade. Está mais para a fragmentação pós-cubista, que anunciou esse nada admirável mundo novo da destruição ecológica.

Cristina Canale, ao contrário, vê nele uma possibilidade de regeneração. Sua fé no poder expressivo da cor transfere para o espectador essa crença na pintura como anunciadora de um novo tempo e uma nova natureza. Assim seja. ●

➔ Serviço
Cristina Canale e Susan Turcot. Galeria Nara Roesler. Avenida Europa, 655, 3063-2344. 10h/19h (sáb., 11h/15h; fecha dom.). Grátis. Até 26/3. Abertura hoje, às 20h

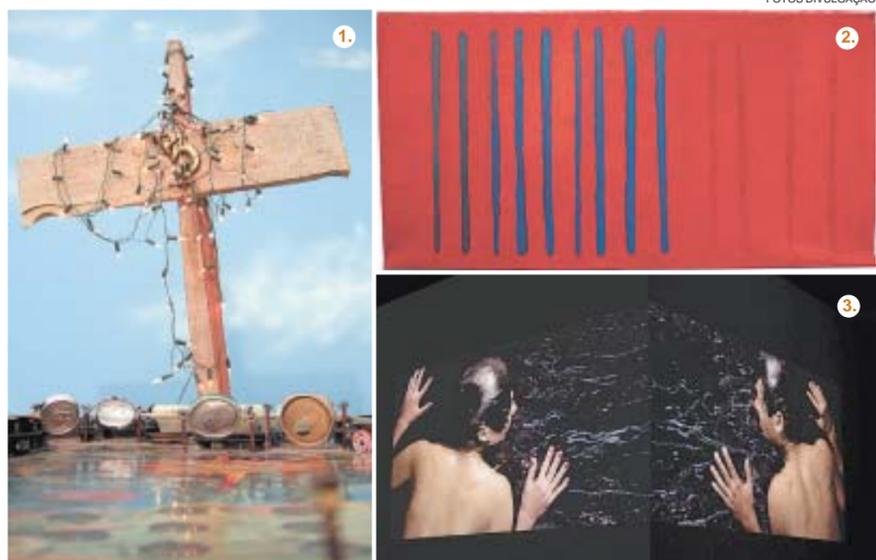
A Coleção ‘Metrópolis’ e a arte de novatos na cidade

Um passeio pela produção contemporânea em três locais diferentes

Camila Molina

As obras de grandes formatos – na maioria, pinturas – que estarão na exposição que será inaugurada hoje no Instituto Tomie Ohtake já estiveram muitas vezes na tela da TV. Na verdade, todas elas fizeram parte do cenário do programa *Metrópolis*, da Cultura, desde o fim da década de 80 e foram doadas pelas artistas para a coleção da emissora, que atualmente já contabiliza cerca de 160 peças. Regina Silveira, Paulo Pasta, Beatriz Milhazes, Cristina Canale, Arthur Luiz Piza, Edith Derdyk, Carmela Gross, tantos outros figuram no acervo que, representado na atual mostra, é quase como um passeio pelos caminhos da arte contemporânea brasileira.

“A primeira função dos trabalhos é estar dentro do cenário, a partir de um olhar que privilegia a TV. O artista é convidado a participar e tem total liberdade para criar – mas há uma sugestão de cores, há umas que não funcionam na televisão”, diz – sem revelar quais cores – Helio Goldsztejn, diretor do programa e curador da exposição que ocupa duas salas. E depois da participação, os artistas doam um trabalho. Dessa maneira, o *Metrópolis* conseguiu formar até agora “um acervo gigantesco” já que “sistematicamente é doada uma obra por mês”. Na abertura da exposição, segunda realizada em São Paulo com obras da coleção, o *Metrópolis* mostrará flashes ao vivo do evento.



1. Pinball de sucata de Montijo 2. Tela de Tomie Ohtake do *Metrópolis* 3. Instalação *O Beijo* na Base 7

NOVATOS

Enquanto isso, a cidade também abriga as mostras de gente nova. Hoje, a dupla Gisela Motta e Leandro Lima apresenta a instalação *O Beijo* como parte do Programa Sítio do espaço Base 7. O trabalho, projeção de vídeo que ganhou o prêmio aquisição do Salão de Arte da Bahia de 2004, faz parte de uma pesquisa contínua dos artistas, ambos de 28 anos, realizada desde 1996.

Na tela que forma uma quinta, de um lado está a figura feminina e do outro, a masculina. O que liga os dois é um fluxo de água, não há movimento dos corpos, não há ação nem encontro. Há, sim,

um tempo particular, “intransponível” para aquela imagem poética. “Tratamos o vídeo como uma fotografia, uma pintura”, diz Lima. Acompanha o trabalho um texto crítico de Kiki Mazzucchelli.

E Giuliano Montijo, de 25 anos, faz sua primeira mostra individual na cidade, na Galeria Baró Cruz. O *Playground*

➔ Serviço
●● Coleção *Metrópolis*. Instituto Tomie Ohtake. Avenida Faria Lima, 201, Pinheiros, 6844-1900. 11h/20h (fecha segunda). Grátis. Até 17/4. Abertura hoje, às 20h
●● Gisela Motta e Leandro Lima. Base7 / Sítio. Rua Cônego Eugênio Leite, 639, Pinheiros,

que ele apresenta é um parque com pinballs precários de sucata, gangorra de madeira e latão, balanços de pneus velhos, tudo encontrado, apropriado do cotidiano e construído pelo artista. “São jogos que você não ganha nem perde”, diz Montijo nesse universo de precariedade. ●

3088-4530. 10h/18h (fecha sábado e domingo). Grátis. Até 17/4. Abertura hoje, às 20h
●● Giuliano Montijo. Galeria Baró Cruz. Rua Clodomiro Amazonas, 528-6, 3167-0830. 11h/19h (sábado, das 11h às 17h; fecha domingo e segunda). Grátis. Até 2/4

CENTRE D'EXCELLENCE S.H.M.S.
Swiss Hotel Management School

A MAIOR FACULDADE SUÍÇA DE LÍNGUA INGLESA.

A maior e mais bem sucedida Faculdade de Hotelaria e Turismo da Suíça, oferece 3 qualificações internacionalmente reconhecidas em apenas 3 anos.

- Diploma Superior Suíço de Hotel Management e Turismo
- Diploma AHC-MA Americano em Hotel Management
- Bacharel BA Britânico em Hospitality Management

Também disponíveis:
• Matrícula • Pós Graduação • Transferência • Cursos Pré-vestibulares.

• ESTÁGIOS REMUNERADOS EM CADA ANO LETIVO
• Serviço de colocação no mercado para os formados
• Excelentes instalações no antigo hotel 5★ "Caux-Palace"

PALESTRA GRATUITA
data: 23/fev./2005 - horário: 19:00h
local: Quality Jardins
End.: Al. Campinas 540 - Cerqueira César

RESERVE SEU LUGAR - VAGAS LIMITADAS
5575.6244 - WWW.WTRUC.COM.BR

Venha se soltar!

Seu Jorge
& Banda Gafieira S/A

25 FEV
Única apresentação!

Venda online: vialfunchal.com.br
Informações: 11 3038-5698

Associação: **VIA FUNCHAL**
Através: **ALPHA FM**